



Convergência, transmídia e excedente cognitivo na Ocupação da USP

Thiago Soares, Allysson Viana Martins

Universidade Federal da Paraíba, Universidade Federal da Bahia, Brazil

E-mail: thikos@uol.com.br, allyssonviana@gmail.com

Resumo

A cobertura da *Ocupação da USP* pela *Folha de S. Paulo* é fenômeno propício para um estudo da convergência e transmídia no jornalismo. Da produção de conteúdos para o jornal impresso e para o site, chegando à integração com as redes sociais (Twitter e Facebook), observa-se uma particularidade na forma de endereçamento dos conteúdos jornalísticos: os usos das redes sociais pelas organizações

jornalísticas – neste caso, o Grupo Folha de Comunicação – aciona a ideia de produção colaborativa no jornalismo contemporâneo, juntamente às estratégias de convergência e transmídia. A partir da revisão desses conceitos, reconhecemos que a produção de conteúdo através dos usos estratégicos do excedente cognitivo dos fruidores aponta para lógicas de uma nova prática na atividade jornalística.

Palavras-chave: jornalismo, convergência, transmídia, ocupação da USP, *Folha de S. Paulo*

Convergence, transmedia and cognitive excess in the occupation of USP

Abstract

The *Occupation of USP* coverage in *Folha de S. Paulo* is a notable sample for a study of convergence and transmedia in journalism. From the production of content for newspaper and website, until the integration of traditional media with social networks (Twitter and Facebook), there is a peculiarity in the way of addressing journalistic content: the uses of social networking by news organizations

– in this case, the Folha Communication Group – invokes the idea of collaborative production in contemporary journalism, along with strategies of convergence and transmedia. Through the review of these concepts, we recognize that the production of content through strategic uses of cognitive surplus is an example of a new practice in contemporary journalism.

Keywords: journalism, convergence, transmedia, occupation of USP, *Folha de S. Paulo*

As coberturas jornalísticas funcionam como uma importante baliza de compreensão das práticas e dos processos de construção da informação. Em sua temporalidade urgente e necessidade de acompanhamento do desdobrar dos fatos, traduz-se como um lugar privilegiado para se perceber como as lógicas organizacionais das empresas jornalísticas, as atividades de repórteres, fotógrafos, designers, editores, entre outros e as premissas de noticiabilidade estão engendradas e agenciadas.

Observar, analiticamente, os fatos ocorridos no ano de 2011, sugere-nos uma gama de possibilidades e objetos passíveis de investigação, como explicita o especial da *Folha.com*, *Onda de revoltas*¹ (2011): a *Primavera Árabe*, “revoltas” que aconteceram no Oriente Médio e no norte da África, colocou em questão os regimes de governabilidade de países destas áreas; a *Geração à Rasca*, nomenclatura utilizada para identificar as várias manifestações ocorridas em Portugal; a *Spanish Revolution*, que reivindicava uma melhor representação dos partidos políticos na Espanha em crise; o *Occupy Wall Street*, no qual os manifestantes reclamavam contra a desigualdade social e a ganância dos empresários e reivindicavam contra a impunidade dos responsáveis da crise financeira mundial; entre outros.

No final de outubro de 2011, teve início na cidade de São Paulo, no Brasil, a *Ocupação da USP*, fato cujo estopim foi a prisão de três estudantes da universidade que portavam maconha no campus (PRADO, 2011) e que, de alguma forma, pode dialogar com esta “onda” reivindicatória que acometeu em alguns lugares do mundo.

Neste artigo, nossa observação para análise recai sobre o jornal *Folha de S. Paulo* na cobertura da *Ocupação da USP*, de 27/10 a 08/11. O período selecionado marca o estopim das revoltas e a hipótese aqui delimitada aponta para os usos de novos espaços de construção da informação: as redes sociais. Nosso procedimento tem como princípio debater de que noções como convergência e transmídia são fundantes na prática jornalística da *Folha* (impresso e

1. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/especial/2011/ondaderevoltas/>. Acesso em: 10/12/2011.

site), no entanto, tais práticas ganham em dinâmica e circulação uma vez que são integradas às redes sociais (Twitter e Facebook).

A *Folha*, além de parecer utilizar as redes sociais de maneira ampla, é o maior jornal de circulação do estado de São Paulo, cidade em que aconteceu o fato em discussão. Há uma particularidade na forma de arquitetura da cobertura jornalística da *Ocupação da USP* que nos interessa: o modo como a *Folha* utilizou suas redes sociais, seu site e seu jornal impresso para abordar o fenômeno, valendo-se dos seguidores no Twitter e dos fãs do Facebook para conseguir depoimentos, imagens, vídeos, qualquer material de publicação. Há um claro uso do que Clay Shirky (2011) chama de “excedente cognitivo”, tendo como base o reconhecimento de que os fruidores dos conteúdos informativos dedicam tempo livre para produzir conteúdo para os veículos de mídia. Este uso estratégico do “excedente cognitivo” dos fruidores como aparato para construção de mais conteúdo de cobertura jornalística nos parece ser um dos trunfos da *Folha*. Antes de adentrarmos nos meandros analíticos, acreditamos necessário discutir as noções de “convergência” e “transmídia”.

Por que (ainda) falar em convergência?

Convergência é um termo bastante recorrente na academia e no mercado. Os pesquisadores Antikainen *et al.* (2004, p.8) afirmam que “convergência pode ser percebida nos conteúdos, nos dispositivos terminais e nos sistemas de rede”². Para o caso específico do jornalismo, entretanto, a pesquisadora Suzana Barbosa explica que “mais que uma palavra da moda ou justificativa para sobrecarga de trabalho e cortes nas equipes, a convergência jornalística é uma oportunidade para renovar o jornalismo e atualizá-lo frente às demandas do público do século XXI” (2008, p. 88).

Identificamos ao menos três tipos de convergência midiática: de formato, de terminal/dispositivo e de conteúdo. A convergência de formato é entendida como sinônimo de multimídia ou multimeios, isto é, a integração de diversos formatos midiáticos, como vídeo, áudio, imagem, infográfico, animação e texto. Outro estilo é a de terminais, na qual se reúne especificidades de diversas mídias em só um dispositivo. Por fim, existe a convergência de conteúdo, que tem relação com a transposição dos materiais de um dispositivo para ou-

2. Tradução nossa.

tro e é a que enfatizamos de maneira mais forte. A convergência de conteúdo nos interessa de maneira mais explícita, pois há mais possibilidade de perceber nesta seara uma maior fundamentação de um conceito criado por Jenkins (2008): a narrativa transmidiática ou transmídia.

A expressão “convergência”, na nossa análise, referencia apenas o que caracterizamos como convergência de conteúdo. Segundo Jenkins, “a velha ideia da convergência era a de que todos os aparelhos iriam convergir num único aparelho central que faria tudo para você (à la controle remoto universal). O que estamos vendo hoje é o hardware divergindo, enquanto o conteúdo converge” (2008, p. 41). Na concepção da pesquisadora Suzana Barbosa, “para o jornalismo, a convergência significa integração entre meios distintos, produção de conteúdos combinando multi-plataformas para publicação e distribuição, convergência estrutural com a reorganização das redações e a introdução de novas funções para os jornalistas”. Distinguem-se, então, quatro tipos de convergência jornalística: *tecnológicas*; *empresariais*; *profissionais*; *de conteúdo*. Em conformidade com nossa visão, a autora define os “dois últimos níveis como os de maior interesse acadêmico e profissional e nos quais situam as mudanças mais significativas, porque trazem mais novidades” (BARBOSA, 2008, p. 97). Aqui, enfatizamos, sobretudo, a convergência de conteúdo, isto é, a capacidade de adaptação e transposição de um material de um meio para outro, permitindo, desta maneira, “a construção de narrativas jornalísticas em conformidade com tais recursos” (BARBOSA, 2008, p. 88).

Transmídia: do entretenimento ao jornalismo

A narrativa transmidiática é uma espécie de desdobramento de um assunto através de mais de uma mídia. Para que haja transmídia, um tema precisa ser trabalhado inicialmente em um meio e ser ampliado em outro. Apostamos que a convergência de conteúdo (a transposição para outro meio) pode facilitar essa noção de transmídia. Um dos maiores modismos (sem acepção negativa) entre os veículos de comunicação para cobertura de um fenômeno é apostar (ou tentar) em uma integração de suportes, isto é, na narrativa transmídia, sobretudo aliada à convergência e às redes sociais (AGUIAR e MARTINS, 2012). A utilização de redes como Twitter e Facebook, a propósito, foi considerada um diferencial na maioria das manifestações em 2011 (HUNTER,

2011; MARQUES, BOMFIM, VIEIRA, 2011; SADDY, 2011), com papel ativo na organização das manifestações ou na denúncia de irregularidades e atrocidades cometidas pelos governantes, policiais e envolvidos.

Nascida no âmbito do entretenimento, a transmídia “refere-se a uma nova estética que surgiu em resposta à convergência das mídias (...) faz novas exigências aos consumidores e depende da participação ativa de comunidades de conhecimento” (JENKINS, 2008, p. 47). Em outras palavras, o consumidor, na transmídia, busca a ampliação de um assunto através de diversos meios. Um produto transmidiático deve ser autossuficiente, ou seja, um indivíduo pode consumir apenas o filme e entenderá sua narrativa, bem como apenas jogar o game e também compreenderá o enredo proposto. Ainda assim, se um meio não trazer complemento para o produto de outra mídia, não há narrativa transmídia, pois não há ampliação do tema ou assunto. Os produtores devem desenvolver produtos que contribuam para um sistema maior de narrativa. As franquias não devem repetir, mas ampliar a história. Jenkins esclarece que “uma história transmidiática se desenrola através de múltiplos suportes midiáticos, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmidiática, cada meio faz o que faz de melhor” (2008, p. 135).

Se pensarmos no conceito de transmídia como complementação de um tema, ele se adapta à área jornalística. Em trabalhos anteriores, esforçamos para verificar de que forma a transmídia pode ser observada no jornalismo (AGUIAR e MARTINS, 2012; MARTINS, 2011). Ainda que a web não seja fundamental para a existência da narrativa transmidiática, é nela que mais se destaca, especialmente pela possibilidade de acontecer aliada à convergência. Um produto convergido que possui links para conteúdos mais antigos pode ser caracterizado como transmídia, pois há um desdobramento do assunto anteriormente abordado em outro veículo, ou mesmo quando é trabalhado de outro modo nas redes sociais, no site ou na TV. A cobertura da *Ocupação da USP* deve trazer exemplos empíricos dessa interação entre meios, seja devido à convergência ou à narrativa transmidiática, que proporciona, na integração entre site, jornal impresso e redes sociais, um espaço para divulgação, debate e ampliação do assunto em mais de uma plataforma específica.

As redes sociais possuem três relações específicas com o jornalismo: fonte e pauta para a informação; filtro de notícia; reverberação dos conteúdos (RECUERO, 2009). No caso do uso das redes sociais como fontes, isso pode

acontecer seja porque o fato ou fenômeno surgiu nesse (ciber)espaço – como o movimento *Fora Sarney*, em 2009 – ou mesmo em situações em que a mídia não consegue estar no local, como no caso de Salam Pax, blogueiro que se tornou conhecido após registrar diariamente a invasão do Iraque, em 2003³. As redes sociais são complementares ao jornalismo, produzindo efeitos em sua prática, mas não desenvolvendo o mesmo que os jornalistas, pois não produzem notícias, apenas “elementos que podem ser noticiados. Estão, de um modo geral, produzindo efeitos no jornalismo, mas não praticando jornalismo, uma vez que esses processos são fortemente construídos a partir de perspectivas de capital social e ganho individual dos atores” (RECUERO, 2009, p. 13).

Este estudo não se concentra nos usuários da rede, no modo como estes se apropriam do conteúdo – seja servindo como pauta ou fonte, ou mesmo disseminando e comentando os assuntos⁴. Aqui, interessa-nos a maneira como a *Folha* se valeu do Twitter e Facebook na cobertura sobre a *Ocupação da USP*, integrando essas redes sociais às publicações do jornal e do site, para onde o conteúdo impresso converge. Como “a mera observação do produto – a notícia – é incapaz de revelar se a matéria teve sua origem a partir de algo que foi dito no Twitter, ou sugerido através da ferramenta” (ZAGO, 2010, p. 13), torna-se impossível, quando não é explicitado pelo próprio veículo, verificar de que forma o Twitter (e também o Facebook) influenciou o *Grupo Folha* na produção de seu material. Focalizamos a perspectiva do jornal como filtro da (própria ou não) informação, ou seja, na maneira como escolhe o que circula nas redes sociais, no impresso e no site.

Quem fala o quê: a *Folha de São Paulo* e a *Ocupação da USP*

A versão online da *Folha de S. Paulo* começou se chamando *Folha Web* (até 2000) para depois se tornar *Folha Online* e, em 2010, incorporar a denominação *Folha.com*. Seu site está associado ao portal *UOL*, também do *Grupo*

3. Ver Zago (2010) para saber mais sobre o uso das redes sociais como pauta e fonte para o jornalismo.

4. Gabriela Zago (2011) aposta na existência de uma recirculação jornalística nas redes sociais.

Folha, e informa no momento do acesso que ele é o “primeiro jornal em tempo real em língua portuguesa”. Ainda que tenha Twitter de várias editoriais específicas e uma geral do site, o @Folha_com, nosso estudo se dedicará apenas ao @Folha_cotidiano – criado em 18/11 de 2009 –, tendo em vista que foi na editoria *Cotidiano* onde acontecia a publicação sobre a *Ocupação da USP*, conforme explicado na matéria do dia 06/11 na versão impressa da *Folha*.

A *Ocupação da USP* ocorreu em 27/10, com a revolta de estudantes da universidade devido à prisão de três colegas que foram flagrados por policiais portando maconha. A manifestação dos estudantes exigia o fim do convênio USP-PM, proibindo a entrada da polícia militar sob qualquer circunstância e garantindo autonomia aos espaços estudantis. Os pensamentos opostos defendiam que o *campus* é um espaço público e que não seria uma opção proibir a PM de entrar; é, na verdade, apenas mais um local onde a polícia deve cumprir a lei, garantindo os direitos fundamentais e a liberdade de expressão. A parceria de cinco anos entre a PM e a USP foi firmada em 08/09, visando aumentar a segurança do campus (JESUS, 2011; MACEDO, 2011; PINHO, 2011; PRADO, 2011). Embora a prisão dos três estudantes devido ao uso da maconha tenha sido o estopim para a manifestação, a utilização ou legalização da droga no campus não fazia parte das exigências dos revoltosos, explica Raphael Prado (2011).

No dia da prisão (27/10), os estudantes ocuparam o prédio da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da USP e em 02/11 chegaram à reitoria, com a operação de retirada tendo iniciado na madrugada de 08/11. A desocupação da reitoria aconteceu em uma operação conjunta da Polícia Militar, Polícia de Choque, Comando de Operações Especiais (COE), Grupo de Ações Táticas Especiais (GATE), Cavalaria da PM (ALMEIDA e VIEIRA, 2011; FEDEROWSKI, ALMEIDA e CASQUEL, 2011; JESUS, 2011; PRADO, 2011). Após a retirada dos manifestantes da reitoria, os estudantes se reuniram para uma assembleia, na qual ficou decidida pelo início de uma greve geral dos alunos (GOMES, 2011). A invasão da polícia levou 73 pessoas presas, das quais quatro eram funcionárias da USP, e com a liberdade dada após o pagamento da fiança de um salário mínimo (R\$ 545,00) por pessoa. Assim, o movimento passou a exigir “a retirada de processos administrativos e criminais movidos contra alunos e funcionários pela instituição” (PRADO, 2011).

Ocupação da USP pela Folha de S. Paulo

Conforme esclarecido anteriormente, focalizaremos a cobertura da *Ocupação da USP* realizada pela *Folha*. Ainda que as manifestações tenham continuado por mais tempo, o período de 27/10 a 08/11 marca o estopim das revoltas, perpassando pela ocupação da FFLCH e da reitoria da USP até a entrada da polícia no campus e a retirada dos estudantes. Resguardando as lógicas e rotinas de cada meio, o corpus de nosso estudo tem uma alteração. A cobertura das mídias on-line não segue uma lógica de periodicidade, ou seja, a qualquer momento o conteúdo pode ser publicado, não necessitando esperar a veiculação de uma próxima edição. Por conseguinte, o corpus escolhido no site, Twitter e Facebook corresponde exatamente ao período em que os fatos principais ocorreram. Como a publicação no impresso possui uma lógica diferente, amarrado pela necessidade temporal e espacial das edições diárias, iniciamos e findamos a análise das publicações um dia após o período delimitado, em outras palavras, a edição impressa da *Folha* foi avaliada de 28/10 a 09/11.

Nesses 13 dias, a editoria de *Cotidiano* era o espaço destinado às matérias produzidas acerca da *Ocupação da USP*. Observamos 19 referências à manifestação, na qual apenas uma tinha caráter opinativo, haja vista que o espaço destinado para expressar o ponto de vista do jornalista ou do jornal se localiza nas páginas A2 e A3 do caderno principal.

Além dessas menções à manifestação no caderno específico para sua cobertura, identificamos algumas outras alusões no primeiro caderno. Em quatro dias, a capa trazia alguma imagem guiando o leitor para matéria acerca da *Ocupação da USP*, enquanto em cinco dias existia apenas uma pequena chamada sem imagem para a informação. No dia 04/11, a chamada sem imagem na página principal (ver Figura 1) não foi para uma matéria ou reportagem no caderno especializado na cobertura, porém, para um texto editorial que representa a visão do *Grupo Folha*⁵. As imagens foram destinadas apenas às reportagens veiculadas no caderno específico para a cobertura do movimento,

5. A *Folha* defende a permanência da PM no campus da USP, pois é natural aumentar o policiamento em áreas perigosas, não sendo a universidade uma exceção. Destaca ainda que os invasores dos prédios (FFLCH e reitoria) eram a minoria, no caso da última chegando a ser “a minoria de uma minoria”. Para a *Folha*, quem ameaça as atividades na USP são os invasores, não a Polícia Militar.

enquanto as outras chamadas eram apenas textuais. A opinião do veículo foi o único conteúdo opinativo a ganhar destaque na capa, demonstrando um interesse do veículo na disseminação da sua visão.



EDITORIAIS Opinião A2
Leia “**Fantasia minoritária**”, acerca da invasão da reitoria da USP, e “**Dilema diplomático**”, sobre o reconhecimento do Estado Palestino pela Unesco.

Figura 1: Chamada na capa para texto opinativo da *Folha*.

Ainda que a cobertura da *Ocupação da USP* tenha sido realizada especificamente em uma seção da *Folha*, em alguns espaços do caderno principal houve menção à invasão. Na página A2, destinada aos colunistas e ao editorial do veículo, pudemos verificar seis textos e uma charge que expressavam opinião. Apesar de os colunistas terem liberdade de expressar seu ponto de vista sobre algum fenômeno, não podemos deslocá-lo de ser lugar de fala, ou seja, ele está chancelado e autorizado pelo meio no qual seu texto está sendo veiculado. Todos os colunistas possuem uma visão alinhada a da *Folha*.

A página seguinte, A3, é um espaço opinativo e interativo (por comentário). A primeira interação com o leitor aconteceu dois dias após o tumulto ter iniciado. No dia 05/11, além de três manifestações dos leitores, o jornal pôs dois textos de colaboradores tratando da *Ocupação da USP*. Nestes dois textos, a *Folha* trouxe uma visão a favor e outra contra sobre tudo que estava acontecendo, sob a pergunta: “A USP deve manter o convênio com a Polícia Militar?”. Quando passamos para os comentários dos leitores, observamos uma maioria contra a *Ocupação da USP* feita pelos estudantes e a favor da presença da PM na instituição. Dos 33 comentários, 12 se apresentavam contra o convênio USP-PM e 21 a favor. Ainda que a maior parte dos comentários esteja em consonância com a visão do jornal e o maior espaço destinado aos textos dos leitores⁶ seja para o de alguém que é contra o tumulto promovido

6. O maior comentário observado tinha 28 linhas e trazia uma visão favorável ao convênio USP-PM.

pelos alunos, a *Folha* divulga manifestações tanto a favor quanto contra seus articulistas, outros leitores e até colaboradores. É comum a disponibilização de comentários que citam outros leitores, colaboradores e articulistas (ver Figura 2).

USP

No artigo "Polícia para quem precisa", o prof. Henrique Carneiro se esquece de que o porte de drogas ainda é crime (lei 11.343) e que são os usuários que mantêm o poderoso tráfico. O consumo de drogas não diz respeito apenas ao usuário, haja visto o mal que ele causa à sua família e à sociedade. Se for para a polícia fazer "vista grossa" na USP, então que se revogue a lei.

JOSÉ CLÁUDIO ZAN (São José do Rio Pardo, SP)



Concordo com o leitor Eduardo da Rosa Borges no "Painel do Leitor" de ontem quando diz ser a favor da discussão sobre a liberação da maconha. Quanto às vítimas do tráfico, todos nós sabemos que a maioria foi morta pela polícia, e não pelos traficantes.

JOSÉ REINALDO BALDINI (Dourado, SP)

Figura 2: Comentários citando colaborador e leitor da *Folha*.

No dia 06/11, a *Folha* publica uma matéria sobre a mudança de data para a desocupação da reitoria no caderno principal, embora informe aos leitores que o assunto é tratado na seção *Cotidiano*. Por fim, na capa do caderno *Cotidiano*, no dia 04/11, houve uma chamada para o site da *Folha*, convidando os leitores a acompanhar a invasão da reitoria, e no último dia de análise, em 09/11, uma publicação na página C4 trouxe uma lista de links (ver Figura 3) que direcionavam o consumidor para o site do veículo, nos quais eram disponibilizados: vídeo para a ação da polícia na USP, áudio para um depoimento sobre a pichação e sujeira na reitoria, imagens da reintegração de posse da reitoria, além da divulgação do Twitter da seção *Cotidiano* e da página no Facebook. Ainda no dia 09, na página C2, um comentário do colunista Antonio

Prata trazia o link do seu blog, integrado no portal *UOL*, também do *Grupo Folha*. No geral, não observamos nenhuma menção aos conteúdos nas redes sociais, ou seja, nenhuma matéria trouxe um assunto do Twitter ou Facebook como tema principal, uma atualização que tenha se tornado notícia ou uma citação.



Figura 3: Lista de links em matéria da *Folha*.

No site *Folha.com*, observamos um total de 73 publicações referentes à *Ocupação da USP*, no período de 27/10 a 08/11, o equivalente a 5,6 publicações diárias, nos 13 dias. Apesar dos números, há uma grande diferença

de quantidade de publicação diária⁷. As matérias geralmente trazem links e imagens. Duas fotos foram especialmente repetidas, no caso da *Ocupação da USP*, ambas de caráter pejorativo para os estudantes, denegrindo o movimento ou os equiparando a bandidos (ver Figura 4). A lista de links levava quase sempre para algum álbum: seja do dedicado ao protesto de modo geral, da invasão à reitoria pelos estudantes, da manifestação dos alunos que apoiavam a PM, da reintegração da reitoria pela polícia ou do tumulto entre estudantes e jornalistas. Os vídeos da ocupação dos alunos da reitoria e da reintegração de posse deste prédio pela Polícia Militar também figuraram na maioria das publicações, seja na própria matéria ou dispostos nos links. Com alguma frequência, as imagens tinham links na legenda que direcionavam para alguma desses álbuns. Os links na narrativa também direcionavam para os álbuns, além de um fato alheio ao movimento, como em uma matéria de 07/11⁸. Hiperlinks para interagir com o jornal esteve presente em 14 publicações.



Figura 4: Ambas as imagens apareceram em diversas matérias sobre a Ocupação da USP.

As publicações sobre a *Ocupação da USP* renderam vários comentários em quase todas as atualizações. Contudo, os que ficavam em evidência não eram os últimos realizados, mas os que representavam opinião semelhante ao do *Grupo Folha*. O ápice de postagem com comentários foi de 926, em

7. No dia 30/10, não houve nenhuma notícia sobre a manifestação, e nos dias 27/10 e 29/10 o site veiculou apenas duas atualizações sobre o fato. Enquanto nos outros dias não se passava de oito publicações, no dia 08/11, o *Folha.com* trouxe 21 matérias acerca da ocupação.

8. Especial sobre a ocupação de 2007. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/especial/2007/ocupacao_na_usp/. Acesso em: 30/11/2011.

28/10, e 1864, no último dia de análise. Três colaborações do *Painel do Leitor* são divulgadas (através de links) em 18 matérias, todas em consonância com o ponto de vista do *Grupo Folha*. Do total, 18 matérias foram atualizadas após a publicação, sobretudo as notícias de 08/11. Alguns conteúdos foram claramente atualizados sem que esse fato tenha sido exposto, sendo colocados links de notícias publicadas após o horário de veiculação da matéria na qual estavam dispostos (ver Figura 5).

08/11/2011 - 09h11

São apenas delinquentes mimados

 Recomendar 15 mil  87

O que estamos vendo na USP não tem nada de político ou ideológico. É apenas delinquência. Não existe nenhuma causa. Não representa nem remotamente aquela comunidade universitária.

[Leitor conclui que fumar maconha antes dos 18 anos é perigoso](#)

Figura 5: O texto foi publicado em 08 de novembro às 09h11, enquanto o do link é de 24 minutos depois, logo, 09h35.

A integração com o jornal impresso só acontece quando é disponibilizado texto de um articulista. A relação com o Facebook existiu apenas na citação de um texto divulgado nessa rede – que remetia à justificativa dos estudantes que apoiavam o convênio PM-USP (ver Figura 6) – e a explicitação de que o protesto dos alunos que eram contra a ocupação da FFLCH foi organizado nela (ver Figura 7). E a integração com o Twitter só ocorreu na única publicação que não obteve comentários – texto do articulista José Simão, no qual expôs os questionamentos que os seguidores lhe fizeram. Além das citações das redes no corpo do texto, o site *Folha.com* destina espaços padrões para publicidade do Twitter – o geral e o da editoria em questão – e da página no Facebook – em dois lugares –, bem como do Google + (ver Figura 8).

Do período de 13 dias avaliados, em dois não observamos qualquer referência ao movimento: em 27/10 – quando a manifestação iniciou – e em 30/10. No total, o Twitter @Folha_cotidiano fez 66 tuitadas referentes à *Ocupação da USP*. Todas levam para o site *Folha.com*, para reportagens (praticamente todas) e galerias de imagens, ou mesmo para um vídeo e uma enquete inda-

De acordo com o texto publicado no Facebook, o movimento repudia o episódio de quinta-feira (27) --quando estudantes contra a PM ocuparam um prédio administrativo da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) e houve confronto com a polícia.

"A Cidade Universitária é parte da cidade de São Paulo e deve ser tratada como tal. Aqui a lei se cumpre e os fora da lei são devidamente punidos!", diz a nota. "A minoria contra tudo e todos não pode nos impedir de querer o que é nosso de direito!", afirma o grupo em outro trecho.

Figura 6: Citação de texto publicado no Facebook.

O evento foi marcado pelos alunos no Facebook. De acordo com o texto na rede social, o movimento repudia a ocupação de prédio administrativo da FFLCH (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas) e o confronto ocorrido com a polícia no dia 27.

Figura 7: Explicitação de evento organizado apenas através do Facebook.



Figura 8: Dois espaços diferentes (acima e abaixo) para divulgação das redes sociais.

gando o navegante “você concorda com a permanência da PM na USP?” – apenas uma atualização para as duas últimas. A página de Facebook da *Folha* foi a que se deteve menos na cobertura e divulgação do caso. Nos 13 dias estudados, apenas oito materiais traziam alguma referência à *Ocupação da USP*, com seis dias não tendo nenhuma atualização sobre a manifestação. As atualizações são apenas divulgação das notícias e galerias de imagens do *Folha.com*, ou mesmo do jornal impresso *Folha*, convergido para o site.

Usos e apropriações do excedente cognitivo

Como já apontamos em outros trabalhos, “o uso de recursos como *hashtags* (...) e *live blogging*, apesar de aparentemente simples, são valiosos quando bem utilizados”, haja vista que “percebemos um salto evolutivo na exploração das possibilidades interativas [das redes sociais]” (AGUIAR e MARTINS, 2012, p. 10). Obviamente, estes são apenas dois exemplos de recursos, existindo um grande número de experimentações ainda sendo realizadas, por exemplo, “a produção de uma página especial dentro do site destinada apenas à cobertura (...) parece se encaixar nos conceitos de convergência e transmídia” (ibidem), pois transpõe o conteúdo e o complementa.

No jornal, observamos indicações para conteúdos no site em duas publicações. Com exceção do link para o blog do colunista Antonio Prata, não observamos nenhuma menção aos conteúdos nas redes sociais. Apenas em uma matéria, em 09/11, foi divulgado o Twitter da editoria Cotidiano e da página no Facebook da *Folha*. Ainda nesta publicação, havia disponibilizada uma lista de links. Além dessa notícia, só mais uma, no dia 04/11, citou o site. Diferente, todavia, do estudo feito por Lopes da própria *Folha*, quando “identificou 30 menções em 13 matérias no período [uma semana], tendo classificado seis como tendo o Twitter como assunto principal, quatro como tweets que viraram notícia e três como declarações de fontes via Twitter” (ZAGO, 2010, p. 4).

O site *Folha.com* integra as suas publicações com as redes, dispondo links para conteúdos produzidos pelos repórteres, articulistas, colaboradores ou leitores, além de imagens e vídeos. Os links divulgam os álbuns e galerias criadas para o protesto, bem como as gravações em vídeo obtidas. Ao fazer uso do conteúdo produzido por fruidores, temos caracterizada, pela *Folha.com*, uma

estratégia de endereçamento de excedente cognitivo numa lógica que pode ser compreendida como práticas de jornalismo colaborativo, juntamente às estratégias de convergência e transmídia. O fruidor/leitor destina seu tempo livre para produzir conteúdo para a empresa.

A relação com o impresso aconteceu somente quando os articulistas veicularam algum texto publicado no jornal, convergido para o site e acessível apenas por assinantes do portal *UOL* ou da *Folha*. O Twitter foi citado apenas no texto do colunista José Simão, enquanto o Facebook apareceu algumas vezes, porém, apenas por dois motivos: utilizar uma citação dos estudantes que eram a favor do convênio USP-PM e citar que a manifestação feita por esses alunos foi organizada nesta rede social. Fora isso, existia apenas espaços padrões para publicidade do Twitter, da página do Facebook e do Google +. De acordo com a pesquisa de Gabriela Zago (2010), a *Folha.com* tende a trazer matérias referenciando o Twitter nos conteúdos sobre celebridade e política.

O Twitter foi utilizado para divulgação de enquete e de galeria de imagens no site e para ênfase no vídeo publicado pela USP de suas câmeras de segurança. Havia também um uso para além da simples disseminação das matérias do site da *Folha*, por exemplo, quando o vídeo fazia parte de uma matéria e o jornalista focalizava só no conteúdo vídeo (ver Figura 9). Ainda que Recuero e Zago (2011) percebam um aperfeiçoamento da utilização do Twitter pelas empresas jornalísticas, não afirmamos que a conta Cotidiano da *Folha* experimente as especificidades que o microblog oferece de forma eficiente. As autoras citam retweets, *hashtags*, menções, geolocalizações, encurtadores próprios de links, contas verificadas e as listas como características eficientes.



Figura 9: Ainda que divulgue apenas no vídeo, este faz parte de uma matéria.

A página de Facebook da *Folha* não trabalhou com as possibilidades que a rede social permite. Todas as atualizações foram feitas visando apenas a divulgação do material que estava no site, seja para galeria de imagens ou reportagens, seja para divulgar a convergência do jornal impresso para o *Folha.com*, onde os assinantes da *Folha* ou do portal *UOL* têm acesso. Ainda que o Facebook do jornal em outros momentos tenha realizado uma enquete (ver Figura 10), convocado o leitor para colaborar e opinar (ver Figura 11), instigado sua dúvida e curiosidade (ver Figura 12), entre outras apropriações, parece que este uso mais específico e aprimorado dos recursos dessa rede social não é um padrão, conforme observado na cobertura da *Ocupação da USP*.



Figura 10: Exemplo de enquete no Facebook da *Folha*.



Figura 11: Facebook da *Folha* instiga leitor para colaborar e opinar.

A integração entre os espaços da *Folha* acontece principalmente porque as redes sociais costumam divulgar o conteúdo produzido no site e no im-



Figura 12: Facebook da *Folha* guia leitor para seu site através da curiosidade.

presso, convergido para o *Folha.com*. Em outras ocasiões, a empresa procura trabalhar com as redes sociais de modo a complementar o assunto e trazer possibilidades que o site e o jornal não permitem. Todavia, isso só foi observado em momentos que não compreenderam nosso *corpus* de análise. Há ainda uma integração ideológica, na qual a opinião acerca da *Ocupação da USP* é compartilhada em todos os espaços de publicação do *Grupo Folha*.

Referências

- AGUIAR, L.; MARTINS, A. Convergência e transmídia nos debates dos candidatos a governador da Paraíba: A Rede Paraíba de Comunicação nas Eleições 2010. In: *Estudos em Jornalismo e Mídia*, v. 9, n. 1, jan./jun. 2012.
- ANTIKAJINEN, H; KANGAS, S; VAINIKAINEN, S. Three views on mobile cross media entertainment. In: *VTT Information Technology, Research*

Report, 2004. Disponível em: http://www.souplala.net/show/crossmedia_entertainment.pdf/. Acesso em: 21/05/2010.

BARBOSA, S. Modelo Jornalismo Digital em Base de Dados (JDBD) em interação com a convergência jornalística. In: *Revista Textual & Visual Media de la Sociedad Española de Periodística*, vol. 1, Madrid, 2008. p. 87-106.

FEDEROWSKI, B; ALMEIDA, G; CASQUEL, J. Polícia Militar executa a retomada da reitoria. In: *Jornal do Campus*, 2011. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2011/11/policia-militar-executa-a-retomada-da-reitoria/>. Acesso em: 05/12/2011.

GOMES, M. Estudantes votam por greve geral em Assembleia. In: *Jornal do Campus*, 2011. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2011/11/estudantes-votam-por-greve-geral-em-assembleia/>. Acesso em: 05/12/2011.

HUNTER, E. The Arab revolution and social media. In: *Flip the media*, 2011. Disponível em: <http://flipthemedia.com/index.php/2011/02/the-arab-revolution-and-social-media/>. Acesso em: 11/12/2011.

JENKINS, H. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2008.

JESUS, R. Entenda melhor a ocupação da USP. In: *Portal Ijuhy*, 2011. Disponível em: <http://www.ijui.com/especiais/artigos/28079-entenda-melhor-a-ocupacao-na-usp-por-ricardo-da-silveira-de-jesus>. Acesso em: 04/12/2011.

MACEDO, L. Alunos prometem ocupar prédio até fim do convênio da USP com a PM. In: *Gl São Paulo*, 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/10/alunos-prometem-ocupar-predio-ate-fim-do-convenio-da-usp-com-pm.html>. Acesso em: 04/12/2011.

MARTINS, A. *Crossmídia e transmídia no jornalismo: Convergência, memória e hipermídia no Globo Esporte* (e-book). João Pessoa: Marca de Fantasia, 2011.

- MARQUES, A.; BOMFIM, R.; VIEIRA, M. As faíscas do mundo e da USP não são iguais. In: *Jornal do Campus*, 2011. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2011/11/as-faixas-do-mundo-e-da-usp-nao-sao-iguais/>. Acesso em 10/12/2011.
- PINHO, A. “Presença da PM é uma obrigação”, diz capitão. In: *Jornal do Campus*, 2011. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2011/11/presenca-da-pm-e-uma-obrigacao-diz-capitao/>. Acesso em: 05/12/2011.
- PRADO, R. Entenda a ocupação feita por alunos em prédios da USP. In: *GI São Paulo*, 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/sao-paulo/noticia/2011/11/entenda-ocupacao-feita-por-alunos-em-predios-da-usp.html>. Acesso em: 04/12/2011.
- RECUERO, R. Redes sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. In: SOSTER, Demétrio; FIRMINO, Fernando (Org.). *Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma*. Santa Cruz do Sul: UNISC, 2009.
- RECUERO, R; ZAGO, G. Jornalismo em microblogs: um estudo das apropriações jornalísticas do Twitter. In: SILVA, G.; KÜNSCH, D.; BERGER, C.; ALBUQUERQUE, A. *Jornalismo contemporâneo: figuras, impasses e perspectivas* – Compós/EDUFBA, 2011.
- SADDY, R. Social media revolutions. In: *Journal of Professional Communication*, 2011. Vol. 1: Iss. 1, Article 5.
- SHIRKY, C. *A Cultura da Participação*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.
- ZAGO, G. O Twitter como fonte e pauta de notícias na mídia online de referência. In: *XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação* – setembro de 2010, Caxias do Sul, RS.
- _____. Recirculação jornalística no Twitter: motivações dos interagentes para filtrar e comentar notícias. In: *I Confibercom* – agosto de 2011, São Paulo, SP. Disponível em: <http://confibercom.org/anais2011/pdf/134.pdf>. Acesso em: 20/11/2011.